

O Corpo na Cidade: Caminhadas e Conexões Urbanas

The Body in the City: Walking and Urban Connections

Lucas Silva Pamio ¹

<https://orcid.org/0000-0003-1067-1556>

<http://lattes.cnpq.br/6133467212870187>

lucas.s.pamio@unesp.br

¹ -Arquiteto e Urbanista, Especialista em Planejamento Urbano e Políticas Públicas. Mestrando em Teoria da Arquitetura e do Urbanismo no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atua como artista visual e poeta.



Resumo: A cidade, sempre em mudança, é um campo rico para pesquisa interdisciplinar. Caminhar por ela ajuda a reconectar com o ambiente, revelando suas complexidades e particularidades. Percursos como “Sé-Ó”, “Bauru Central” e “Território do CRAS Betinha” oferecem insights sobre o espaço urbano e suas dinâmicas sociais. A combinação da caminhada com o registro fotográfico promove uma reflexão crítica e valoriza as histórias urbanas, destacando a relação entre corpo, espaço e memória.

Palavras-chave: Caminhografia; Ambiente Urbano; Dinâmicas Sociais; Fotografia; Reflexão.

Abstract: *The ever-changing city is a rich field for interdisciplinary research. Walking through it helps to reconnect with the environment, revealing its complexities and particularities. Routes such as “Sé-Ó”, “Bauru Central” and “Território do CRAS Betinha” provide insights into the urban space and its social dynamics. The combination of walking and photography promotes critical reflection and values urban histories, highlighting the relationship between body, space and memory.*

Keywords: *Caminhography; Urban Environment; Social Dynamics; Photography; Reflection.*

A cidade é um espaço dinâmico em constante transformação, onde edificações, pessoas, símbolos e modos de vida se entrelaçam. Como destaca Pesavento (2007), a cidade tornou-se um objeto tradicional de pesquisa, inspirando estudiosos a explorar suas diversas temporalidades e questões. Ao percorrer o espaço urbano, temos a oportunidade de nos reconectar com ele, (re)descobrimo suas particularidades. Caminhar pelas ruas, observando e registrando por meio de desenhos, escritos ou fotografias, nos permite criar registros pessoais, quase como manuais de experiências, para compreender a complexidade da cidade.

A caminhada transforma o ato de explorar o ambiente urbano em uma forma de pensar e se relacionar com o espaço ao redor. É uma postura ativa e sensorial, onde cada passo revela novos fragmentos da cidade e nosso corpo dialoga com as dinâmicas contemporâneas. Esse processo faz da caminhada não apenas um movimento físico, mas uma maneira de compreender as complexidades urbanas.

Durante os percursos por diferentes cidades, surgiram descobertas que transformaram ações cotidianas em explorações urbanas. No trajeto “Sé-Ó”, nomeado originalmente “Ponte, Preto, Prado, Pinga”, proposto no projeto Caminhar Inventariar por Ricardo Luis Silva em 2021, atual Estúdio Ceda el Paso, percorreu-se a pé desde a Catedral da Sé até a Igreja Matriz da Freguesia do Ó, imergindo no contexto histórico e urbano dessa rota. O percurso “Bauru Central” revelou um centro urbano vivo, onde o trânsito, vitrines e fachadas formavam um mosaico dinâmico. Já o “Território do CRAS Betinha” expôs histórias comunitárias em bairros periféricos, evidenciando marcas de resistência e pertencimento. Cada percurso gerou listas de visualidades, que se tornaram fragmentos de narrativas urbanas, compondo uma cartografia sensível da cidade.

Caminhar é uma prática essencial para compreender o espaço urbano em sua totalidade. O ato de andar pelas ruas permite mergulhar nas relações socioculturais que moldam o ambiente, estabelecendo vínculos afetivos e desenvolvendo uma percepção aguçada das micro visualidades. Como argumentam Careri (2002), Harvey (2014) e Jacobs (2001), caminhar é uma metodologia que nos conecta profundamente com o espaço urbano, permitindo a experiência direta do que o ambiente tem a oferecer.

O registro fotográfico desempenha um papel crucial ao conectar o pesquisador com o espaço, facilitando o compartilhamento e a compreensão das vivências urbanas. Organizados em cinco eixos temáticos, os registros fotográficos foram categorizados como “edificados” (espaço físico e construções), “rostos” (pessoas que habitam e transitam pelo local), “cenários” (paisagem urbana), “expressões” (formas de comunicação como grafites e placas) e “pistas” (objetos deixados na cidade).

Através da caminhada e da análise do espaço urbano, conforme Harvey (2014), exercemos o direito à cidade, que é um processo ativo de participação e reflexão crítica sobre como as cidades são moldadas. Cada passo se torna um gesto de apropriação e reinvenção, onde o corpo em movimento não apenas observa, mas também participa da trama da vida urbana.

Os percursos revelaram a cidade em suas camadas complexas. O trajeto Sé-Ó explora a história por meio das praças e pontes de São Paulo, enquanto Bauru Central destaca o desenvolvimento e a expansão da cidade. O percurso Território do CRAS Betinha expõe desigualdades e histórias de autoconstrução. Como Careri (2013, p. 27) observa, “atravessar o espaço nasce da necessidade natural de mover-se para encontrar alimento e informações para a sobrevivência.”

A relação entre o corpo, a cidade e a memória se revela como um elo profundo e transformador. Lutar para que não exista uma dialética entre lembrança e esquecimento, conforme sugere Nora (1993), torna-se um ato essencial para preservar o que faz da cidade um lugar de pertencimento e afeto. A caminhada, ao lado da produção de inventários e listas, é uma ferramenta poderosa para criar e valorizar memórias, permitindo que a experiência urbana seja registrada e perpetuada. Esse pensar, que começa de forma individual, ganha força ao ser compartilhado, tornando-se um ato coletivo que fortalece os laços entre as pessoas e os espaços que habitam. Assim, caminhar pela cidade não é apenas um exercício de observação, mas também um gesto de resistência e valorização das histórias e vivências que compõem o tecido urbano.

Referências

CARERI, F. Walkscapes — O caminhar como prática estética. São Paulo: GG, 2002.

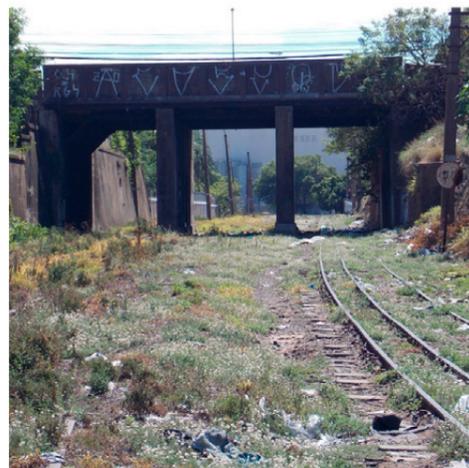
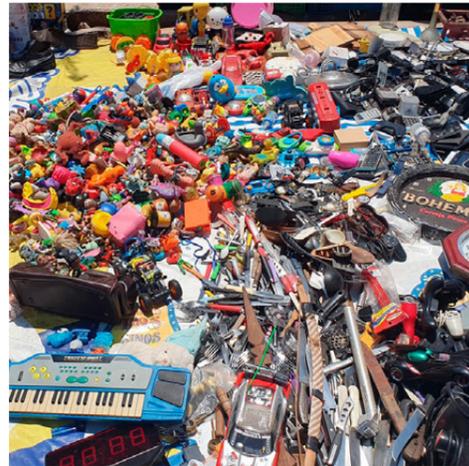
HARVEY, D. Cidades rebeldes. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

INGOLD, T. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Londres: Routledge, 2011. p. 229–243.

JACOBS, J. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11–23, 2007.





EDIFICADO



ROSTOS



CENÁRIOS



EXPRESSÕES



PISTAS



EDIFICADO



ROSTOS



CENÁRIOS



EXPRESSÕES



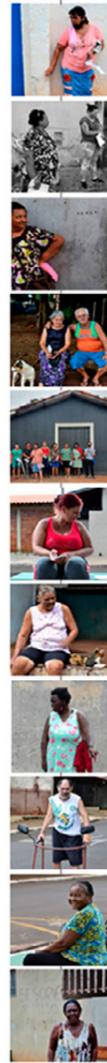
PISTAS



EDIFICADO



ROSTOS



CENÁRIOS



EXPRESSÕES



PISTAS





Aponte a câmera para acessar os mapas dos percursos caminhografados

